

A Busca

Somos nós que fazemos a Busca; buscamos verdades, coisas espantosas, tentamos encontrar caminho constantemente.

Somos nós quem se desilude quando no confronto com escritores célebres, descobrimos neles as interrogações que são também nossas. Assim nos parecem banais as conversas de Alberto Morávia, as conferências de todos os Saramagos. Não nos apercebemos de que o seu estatuto divino é como o que de divino alguns imperadores romanos tiveram: foram os outros homens a chamar-lhes divinos, a eles, pobres bichos... que urinaram de noite, beberam vinho como os outros, tremeram perante pesadelos de Roma a arder, atacada e conquistada por germanos, gelaram com medo da morte. Roma incendiada como uma vez foi Cartago. Diz-se que Cipião Emiliano chorou, nessa Cartago inimiga que ardia e, quando perguntado porquê respondeu "porque um dia Roma arderá assim".

Os homens resplandecem pouco tempo; têm pouco tempo para passear pela crosta do planeta; os engenheiros, enfim, eles e os operários, têm por vezes a possibilidade de arranharem a tal crosta aonde seremos todos sepultados.

Espanta-nos estupidamente a fragilidade dos mitos quando conversamos com eles de perto; têm tanta insegurança como todos os outros; não sabem o que andam aqui a fazer como todos nós. Sabem que têm, como nós, um curto horizonte espacial, uma ínfima porção de vida; também eles duvidam, choram de medo, bebem para esquecer os seus tormentos, afogam em cigarros a tristeza. Mas escondem tudo isso nos livros que fabricam, aí parecem Deus, Criadores de Universos, e são-no de facto, mas apenas aí, nas folhas de papel com que farão um livro. Não fazem Universo nenhum, nem desenham vida alguma, porque esses livros apenas relatam ficções. É por isso que quando nos falam da vida, do ser, da sociedade humana, nos parecem tão banais. Se calhar não o são, porque nós também não o somos, somos vulgares, não necessariamente banais. A Busca que fazemos, a nossa exigência de respostas, tem sempre a mesma resposta: um imenso "não sei" que a todos ataca, de Paris a Sydney, da aldeia grega à província equatoriana de Esmeraldas. A Busca é o universal que nos une, o "não sei" é a verdade que nos iguala e nos inquieta, esmaga, por vezes esquecida quando nos nasce um filho, quando arrancamos um dente, quando uma paixão nos arrebatava. Mas é por pouco tempo, procuramos histórias - verdadeiras ou não - numa infinda Busca de sossego a que por inerência não temos direito.